

A MONITORIA EM ATELIÊ DE PROCESSOS CRIATIVOS: UM LUGAR PARA DESPERTAR

LUKA DE VARGAS ROSA¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

Universidade Federal de Pelotas - lukadevargas@gmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas - marthagofre@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

No presente texto, exploro um movimento de pesquisa no campo das artes visuais contemporâneas, a partir da minha experiência como monitor da disciplina de Ateliê de Processos Criativos II, componente curricular básico ministrado pela professora Martha Gomes de Freitas, no curso de Artes Visuais Bacharelado.

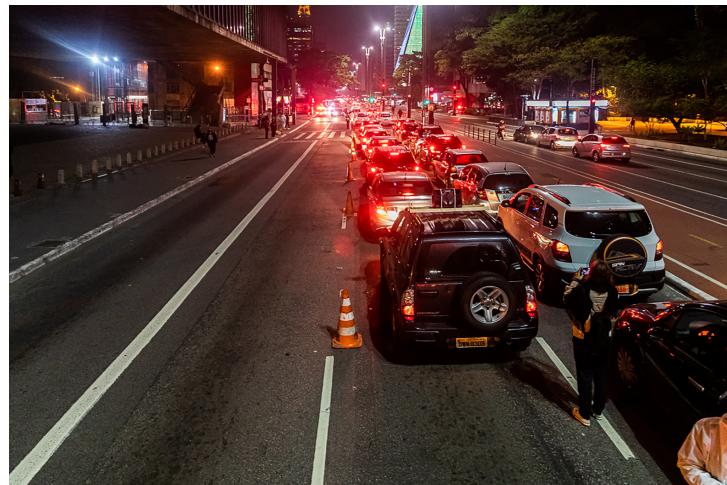
No currículo do curso, as disciplinas de ordem prática são denominadas Ateliês, espaços de produção poética individual. Dentro deste espaço, em suas trocas, trago as percepções que tenho sobre a minha experiência na disciplina enquanto monitor, diante das relações que estabeleço em diálogo com os artistas visuais Cildo Meireles, Janine Antoni e Nuno Ramos, a fim de ampliar discussões no entendimento do processo criativo como lugar de experimentação. (MEIRELES, 2009)

Ao observar o exercício final do ateliê, proposto pela professora aos alunos, de revisitar as práticas que já haviam sido desenvolvidas durante o semestre como um movimento em “marcha ré”, reconheço que essa dinâmica faz sentido como reflexão para minha própria experiência como aluno em final de curso e artista em formação. Nessa direção, para o texto que segue, utilizo desta proposta para tecer um campo de reflexões voltado para os processos criativos e práticas artísticas dentro das poéticas visuais.

2. METODOLOGIA

Este texto se estrutura a partir do exercício de pensar o processo criativo de trás para frente, em “marcha ré”, assim como foi colocado aos alunos da disciplina de Processos Criativos II, como um movimento de retomada aos trabalhos apresentados durante o semestre. A proposta levantada pela professora se deu após assistirmos a um registro do trabalho de Nuno Ramos, que consiste em uma ação performática conjunta entre o artista e o Teatro da Vertigem. Na ação, os propositores deslocam para a Avenida Paulista uma fila de veículos que, em um movimento de contra fluxo, percorrendo a via em “marcha à ré”.¹ Desse modo, durante o contexto da pandemia, Nuno Ramos destacava o retrocesso que estávamos vivenciando, como se pudesse revisitá-las ações governamentais, mas indo além, olhando novamente para os valores que permeiam nossa sociedade. O artista comenta que a produção deste trabalho, originalmente aconteceria na Bienal de Veneza, porém, devido às fatalidades pandêmicas, foi repensado para abranger o contexto brasileiro.

¹ Cortejo de veículos que se deslocou em sentido inverso do usual, em marcha à ré. Nele, os motoristas-participantes completaram um trajeto na cidade de São Paulo que partiu da Avenida Paulista, de frente ao edifício da FIESP, e terminou no cemitério da Consolação. Durante o percurso, houve uma dramaturgia sonora composta, em parte, de sonoridades emitidas pelos veículos que remetem ao som de respiradores utilizados no tratamento de pacientes com coronavírus, que necessitam de ventilação mecânica em unidades de terapia intensiva (UTI).



Registro da performance *Marcha Á Ré*, 2020. Performance/filme em colaboração com Teatro da Vertigem e filmada por Eryk Rocha. Disponível em::
<https://www.nunoramos.com.br/trabalhos/marcha-a-re/>

Penso que este movimento reverso possibilita a fabulação de uma pausa no tempo, levantando uma reflexão sobre os acontecimentos de nossa época, permitindo um segundo olhar para os eventos da sociedade e, também, para a produção em artes visuais. Portanto, o movimento reverso utilizado nesta obra, também proporciona, a partir de uma revisão criativa dos processos em artes, um olhar mais apurado para os alunos e o que vinham produzindo - uma oportunidade de reconsiderar aspectos a serem modificados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ateliê de Processos Criativos é uma disciplina de introdução aos métodos e procedimentos da arte contemporânea para os alunos ingressantes (primeiro e segundo semestre), é o lugar onde a singularidade individual começa a ser desenvolvida diante das práticas no ateliê. Essa construção ocorre durante as aulas pelo entrecruzamento das definições deste campo com obras e conceitos presentes na história da arte, a fim de desenvolver as relações entre as experimentações pessoais, o espectador e o espaço, bem como a percepção e produção de sentidos e significados nas artes. Como expressa o artista Cildo Meireles, sobre o seu trabalho no filme documentário "A Obra de Arte", 2009, transcrevo:

Não existe uma norma geral. Uma lei, por exemplo, de processo criativo, assim chamado. Em algum ponto, quer dizer, deve-se poder inferir algum processo criativo. Mas é mais assim, cada peça tem uma espécie de biografia, que por enquanto ainda me lembro a historinha de cada uma delas. (MEIRELES, 2009)

Ainda pensando que não existe uma norma geral, tal como Meireles nos diz, a disciplina se propõe a um exercício de autonomia e atenção às escolhas, para que cada aluno encontre o seu modo de lidar com os próprios desafios da produção poética. Esta prática sugere que a coerência seja construída frente às

articulações individuais e sua reflexão, expostas posteriormente em apresentação e discussão coletiva para elaboração e amadurecimento de possíveis referências, que fortalecem as trocas entre a professora, os alunos e o monitor.

Nessa direção, a fala de outros artistas incrementa as discussões e oferece um vislumbre das formas de pensar que são próprias de cada um. Portanto, o processo que trago aqui como movimento reverso, tem como proposta revisitar o que foi produzido e alimentar a prática para um passo adiante, é pensado através de uma movimentação de contra-fluxo, onde volta-se atrás para retomar a direção com maior precisão, criando uma brecha para novas articulações e sentidos.

A artista bahamense Janine Antoni, abordada durante o semestre, produziu uma vídeo-instalação intitulada *Touch*, 2002, em que explora a ação de caminhar sobre uma corda bamba. No vídeo, a ilusão é criada por uma sobreposição em relação aos planos da imagem e o enquadramento, de modo que a artista parece equilibrar-se sobre uma corda bamba, como método de tocar o horizonte de sua infância.



Janine Antoni; *Touch*, 2002; Video-instalação; 9'37"; Tamanho da projeção: 447.04 x 401.32 cm.
Disponível em (<https://experimentalstudio.ca/extendedpracticeslevel34/2016/01/30/janine-antoni/>)

Em uma fala sobre seus trabalhos, Janine Antoni diz que o processo para a realização da proposta foi constituído a partir das relações percebidas por ela durante a produção de um trabalho anterior (*Moor*, 2001). Nele, a artista produziu uma corda a partir de materiais e objetos de amigos e familiares, e ao tecer esta corda, foi criando relações entre ela e a linha do desenho, entre os materiais dos outros e os de sua vida. Também relata que ao encontrar o desenho em um livro de alguém caminhando sobre uma corda bamba, imaginou como seria caminhar sobre a corda que ela estava trançando em *Moor*.

Ao direcionar seu olhar para o que estava produzindo, a artista constrói novas conexões, assim como o entendimento de que a corda passa a ser o horizonte da sua infância, um lugar de desejo a ser alcançado. Nas palavras da artista, sobre o horizonte, ela diz:

É uma imagem muito esperançosa: é sobre o futuro, sobre a imaginação. E então, para mim, caminhar neste lugar me pareceu muito apropriado: fazia sentido para mim voltar a esse horizonte, a esse oceano que olhei durante toda a minha vida. Percebi que,



embora provavelmente pudesse ter manipulado o vídeo como se estivesse andando o tempo todo no horizonte, pensei que haveria muito mais tensão se eu pudesse andar ao longo da corda e - enquanto ela mergulhava - isso, apenas por um momento, eu tocaria o horizonte, o que realmente falaria da incrível luta para chegar a esse lugar da imaginação. (ANTONI, 2003)

Voltando à Nuno Ramos, o artista além de produzir e falar sobre a sua reflexão, também escreve, ação que retro-alimenta seu pensamento como uma narrativa que se mescla entre auto-reflexão e literatura. Essa é uma forma de escrita que descreve os processos e métodos também vistos na construção de seu trabalho, carregado de formas de procedimentos e materiais - assimilações entre os objetos e as relações que produzem sentido.

Dessa forma, penso que os artistas mencionados, narram um fazer artístico único, possibilitando aos alunos se relacionar com uma metodologia de trabalho em “marcha-ré”, assim como proposto pela professora.

4. CONCLUSÕES

Percebo que ao atuar durante este semestre como monitor, pude observar, atento à dinâmica da disciplina com um outro olhar para a pesquisa sobre os processos de criação, auto-reflexão e produção de sentido no campo das poéticas visuais. Penso que o olhar em marcha à ré, contra um fluxo hiper acelerado da criação, promove o desenvolvimento de um processo criativo singular, que é construído em sala de aula observando artistas que trazem em sua prática uma reflexão atenta para o modo de fazer adotado. Para além dessa característica, o ateliê de processos criativos, especificamente, se ocupa de pensar o processo enquanto modo de seguir, uma prática que se alimenta de algo que acontece durante a experimentação dos materiais, para seguir despertando e avançando sobre a sua própria criação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Site

ANTONI, Janine. **“Touch” and “Moor”**. [entrevista concedida a] Art21, online 2003. Acesso em 20 de set de 2023.

MEIRELES, CILDO. **A Obra de Arte**. Direção de Marcos Ribeiro. São Paulo. 2009. Brasil. (71 min)

ANTONI, Janine. Art 21. Janine Antoni | Art21 | Preview from Season 2 of "**Art in the Twenty-First Century**" (2003). 2003. Vídeo online (1:52min). Acessado em 22 set. 2023. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=r_n2kfqNmpY&ab_channel=Art21.

RAMOS, Nuno. Trabalhos. **Marcha À Ré**. Acessado em 20 set. 2023.
Disponível em: <https://www.nunoramos.com.br/trabalhos/marcha-a-re/>.